

EMPRESAS

METALURGIA

Centrais nucleares e perfumes passam na TSF de Famalicão

A TSF produz peças mecânicas de alta precisão para centrais nucleares e para as indústrias alimentar, farmacêutica e aeronáutica. Exporta 95% e acaba de investir mais 3,8 milhões de euros na fábrica de Famalicão.

RUI NEVES

ruineves@negocios.pt

Não vai até ao fim do mundo, como promete o slogan da rádio com a mesma sigla, ficando-se pela Europa, para onde exporta 95% da sua produção. A TSF – Metalúrgica de Precisão “trabalha o ferro ao centésimo de milímetro” para produzir pequenas séries ou peças únicas para as indústrias nuclear, aeronáutica, petroquímica, farmacêutica e perfumaria, entre outras.

“Produzimos e montamos alguns produtos, como as máquinas para encher os frascos de perfume franceses e as válvulas para controlar os fluídos das centrais nucleares da francesa Areva, que é uma das maiores fabricantes mundiais do sector”, contou, ao Negócios, Pedro Sousa, administrador desta empresa de Famalicão.

E é para desenvolver peças técnicas ainda de maior valor acrescentado que a TSF concluiu, já este ano, um investimento de 3,1 milhões de euros em inovação. “Trata-se de capacitar a empresa para fazer estruturas muito grandes – por exemplo, uma máquina de produção de pneus para a Michelin, com oito metros de comprimento por três de altura”, adiantou o empresário.

Acresce um investimento da ordem dos 700 mil euros, concluído em Janeiro passado, na duplicação da área produtiva da empresa para quatro mil metros quadrados. Com participação de fundos europeus, a TSF foi contemplada com 2,14 milhões de apoio do Portugal 2020. No quadro comunitário anterior (QREN), tinha já conseguido a aprovação de dois investimentos, no valor global de 2,7 milhões de euros.



Pedro Sousa e o seu irmão Paulo controlam o capital da TSF.

Com 90 trabalhadores e a necessitar de “mão-de-obra qualificada”, a TSF quer atingir este ano uma facturação de seis milhões de euros, mais 300 mil euros do que no exercício anterior. O mercado francês gera 60% das vendas da empresa, que exporta ainda para a Alemanha, Dinamarca, Suíça, Itália, Áustria e Suécia. O resultado líquido em 2015 foi de 180 mil euros “e em 2016 deverá ter rondado os 200 mil euros”.

Com S e F, mas sem Tomé

A TSF foi criada em 1996 por três empresários – Tomé, Sousa e

Fernando, daí a sigla que dá nome à empresa. Do trio fundacional, apenas Fernando Moreira continua como accionista (30%) e administrador, partilhando o capital com os irmãos Pedro (25%) e Paulo (45%), filhos do patriarca Sousa, que lhes passou a herança empresarial em 2005, ano em que Tomé saiu da sociedade.

Já Francisco Oliveira Sousa, de 81 anos, nascido na Argentina, que veio para Portugal com 17 anos e esteve emigrado ainda em Angola, “continua a ir à fabrica todos os dias”. E pinta telas. E faz pistas de comboios para os netos. ■

NÚMEROS

Facturar a ferro com precisão nuclear

A TSF foi fundada em 1996 por Tomé, Sousa e Fernando, daí a sigla que dá nome à empresa. Produz máquinas para encher frascos de perfume e válvulas para controlar fluídos das centrais nucleares, entre outros.

5,7

FACTURAÇÃO

A TSF prevê fechar 2017 com vendas de seis milhões de euros, mais 300 mil euros do que no ano passado.

60%

FRANÇA

As exportações representam 95% das vendas da TSF, com o mercado francês a valer 60% do total.

90

TRABALHADORES

Actualmente com 90 trabalhadores, a TSF quer chegar perto da centena até ao final deste ano.

“Temos dificuldades em contratar pessoal”

Há um ano, a TSF tinha 83 trabalhadores. Hoje tem 90, na sua esmagadora maioria jovens funcionários provenientes do ensino profissional. “E queremos chegar perto dos 100 até ao final deste ano”, adiantou Pedro Sousa, administrador da empresa, em declarações ao Negócios.

“O problema é que temos dificuldade em contratar pessoal qualificado na nossa área”, revelou o empresário, criticando duramente os cortes efectuados no orçamento do CENFIM (centro de formação do sector da metalurgia e metalomecânica), que não tem verbas para abrir turmas de formação. “É algo que não consigo perceber: como é que é possível os nossos dirigentes políticos cortarem verbas ao CENFIM, que forma pessoas que têm emprego garantido?!”, indignou-se.

Para contornar esta fragilidade, a TSF decidiu formar um consórcio com outras duas indústrias e pagar para formar os seus futuros trabalhadores.

“Vamos pagar ao CENFIM para fazer uma turma de 15 pessoas – cinco irão depois ficar conosco e 10 com as duas empresas associadas a este projecto, entre as quais a Ruprec [da Trofal]”, revelou Pedro Sousa. O presidente da Câmara de Famalicão, Paulo Cunha, lamenta este problema “recorrente, apesar da média de vencimento ser significativamente superior à de outros sectores”. A associação AIMMAP calcula que a fileira precisa de contratar mais quatro mil pessoas. ■ RN

“

Vamos [três empresas] pagar ao CENFIM para formar uma turma de 15 pessoas.

PEDRO SOUSA
Administrador da TSF